CONVERSA ENTRE ADAM MICHNIK E JÜRGEN HABERMAS

APRESENTAÇÃO

Leonardo Avritzer(1)

O diálogo entre Habermas e Michnik merece atenção devido à importância das questões por elas tratadas. Jürgen Habermas é considerado um dos filósofos mais importantes da segunda metade do século XX. Autor de obras seminais como " A transformação da esfera pública e teoria da Ação comunicativa, Habermas é considerado um dos continuadores da " Escola de Frankfurt " e um dos herdeiros do iluminismo. Seu objetivo, nas suas obras mais importantes, foi criticar as ambigüidades da tradição iluminista e , ao mesmo tempo, defender sua imcompletude. Para Habermas, os potenciais democráticos das sociedades ainda não foram modernas ainda não foram plenamente realizados devido à tensão existente entre o capitalismo e a democracia. Todavia, tal diagnóstico jamais levou Habermas na direção de propostas estatizantes ou a qualquer tipo de defesa do socialismo real. Ao contrário, Habermas sempre foi um defensor das formas radicais de democracia expressas nas críticas dos movimentos sociais às tendências burocratizantes do Estado moderno. Adam Michnik é um dos mais importantes intelectuais poloneses na atualidade. Participante ativo da oposição polonesa, foi o colaborador da chamada estratégia autolimitada de oposição, que conduziu à criação do sindicato independente Solidariedade. Ao analisar as estratégias de oposição ao socialismo real empregadas na Hungria em 1956, a chamada "revolução por baixo", e a estratégia de revolução pelo alto empregada na Tchecoeslováquia em 1968, Michnik percebeu que o controle do aparelho de Estado não podia estar em jogo nas sociedades do Leste (vide Letters from Prison, Berkeley, University of Califórnia). A proposta de Mitchnik foi a da organização da sociedade através de uma estratégia autolimitada que demarcasse os limites entre Estado e sociedade civil. Essa foi a estratégia de oposição que levou à criação do Solidariedade.

O diálogo entre Habermas e Michnik constitui, de certo modo, um diálogo entre dois defensores incansáveis da ampliação da democracia na Europa, que entendem seus próprios pensamentos enquanto continuação da tradição do pensamento iluminista. São extremamente instrutivas as diferentes análises dos dois autores sobre os impasses enfrentados pela democratização da Europa do Leste. Ambos percebem que a democracia não constitui o resultado inevitável das revoluções do Leste, porque continua havendo, na chamada "Europa Central", uma forte tradição nacionalista, e não democrática. Nesse sentido, a tradição cultural da Europa Central continuaria sendo ambígua em relação ao Iluminismo. Os dois autores tentam, simultaneamente, posicionar-se sobre essa questão sem deixar de exercer sua capacidade de crítica aos limites da tradição iluminista e da sua relação com a democracia. O debate entre Habermas e Michnik, que tem como pano de fundo os acontecimentos recentes na Alemanha, na ex-lugoslávia e na Polônia, constitui um testemunho aberto do enfrentamento entre Iluminismo e autonomia cultural, entre democracia e autoritarismo. Ao situar-nos em relação a tais acontecimentos, também permite aprofundar nosso conhecimento sobre o pensamento desses autores.

'MAIS HUMILDADE/ MENOS ILUSÕES" - CONVERSA ENTRE ADAM MICHNICK E JÜRGEN HABERMAS

(2)Adam Krzeminski: Vocês tiveram histórias de vida e experiências diferentes com a esquerda européia. Eu gostaria de deixar isso claro ao discutirmos a Alemanha, "seu acerto de contas com o passado", e o modo como a Polônia e a Alemanha vivem momentos distintos de sua história. Talvez possamos começar pelos eventos de 1989. Vocês foram surpreendidos pela queda do Muro de Berlim e pela unificação da Alemanha?

Jürgen Habermas: Sem dúvida, fiquei tão surpreso quanto a maioria dos alemães. Eu havia visitado a Alemanha Oriental em 1988, para uma conferência em Halle. Fiquei impressionado com o clima de cinismo e desespero entre os alemães participantes do simpósio. Todo sinal de esperança no futuro havia desaparecido. Depois do ocorrido parece óbvio quão minado estava o sistema. Todavia, não é preciso dizer que não fui capaz de prever seu colapso.

Adam Michnik: Lembro-me de uma conversa nossa em Varsóvia, em 1979, quando você não queria discutir a unificação da Alemanha. No início, senti-me intimidado, como não podia deixar de ser, por estar falando com Habermas. Após algum tempo, arrisquei expressar minha opinião de que a esquerda alemã estava cometendo o mesmo erro de Rosa Luxemburgo na Polônia, ao recusar-se a entender a força dinâmica do sentimento nacional alemão. Parece-me que eu estava certo. Lendo sua polêmica sobre o (3)Historians' Debate (Debate dos Historiadores), concordei com sua crítica a Stürmer, Hiligruber e Noite, por negarem a singularidade dos crimes de Hitler, em comparação com os de Stalin, e por promoverem uma recuperação do nacionalismo. Tenho uma consciência levemente esquizofrênica a esse respeito, pois estou totalmente de acordo com você quanto ao Debate dos Historiadores, e penso que os poloneses se beneficiariam de tal debate tanto quanto da presença de um Habermas. Talvez eu estivesse certo também sobre a questão da unificação da Alemanha, já que os intelectuais alemães, como classe, realmente subestimaram o problema.

Krzeminski: No verão de 1989, o Muro estava firme como sempre, apesar de os alemães orientais na Hungria já estarem arrumando seus pertences, e de Adam Michnik e Bronislaw Geremeka estarem pedindo publicamente a unificação da Alemanha. Por um lado, isso foi uma surpresa para muitos no Ocidente, assim como na Polônia. Por outro, nossa própria história na Polônia mostra que a divisão da Alemanha não podia durar para sempre.

Habermas: Devo admitir que não vi essa declaração de Geremek e Michnik no verão de 1989, mas naquela época certamente eu me oporia a qualquer perspectiva de unificação. Mas vamos falar um pouco mais sobre a consciência nacional alemã.
Não se deve esquecer - por razões históricas óbvias - que o nacionalismo teve, e continuará tendo, uma função diferente na Alemanha e na Polônia. Por 150 anos ele supriu os poloneses de identidade, devido à sua falta de independência. Na Alemanha, o nacionalismo teve um efeito político progressista antes de 1848, já que a Prússia nunca funcionou como uma nação. O Império de Bismarck, entretanto, explorou o nacionalismo e provocou grande devastação a partir de 1890. Após 1945, ao contrário, uma democracia razoável foi, pela primeira vez, estabelecida na Alemanha, o que só foi possível com o descrédito do nacionalismo.

Michnik: Por muitos anos minhas idéias foram influenciadas por um notável ensaio do professor Habermas sobre o patriotismo constitucional(5). Hoje, percebo uma certa ambigüidade na atual situação da Alemanha. A primeira fase da unificação trouxe liberdade, mas a segunda testemunhou a perseguição em (6)Hoyeswerda. Na Polônia, aliás, os problemas são, ou podem vir a ser, os mesmos.

Habermas: Sua afirmação é muito rigorosa. Na minha opinião, a primeira expressão de unidade foi a liberdade, e a segunda, três semanas depois, o slogan "Somos um povo". Em princípio, o grito era "Somos o povo", e, então, "Somos um povo". Quanto a Hoyeswerda, bem, sou um alemão ocidental e não possuo a mesma experiência intuitiva dos alemães orientais. Mas, até certo ponto entendo, embora não o justifique, como esse terrorismo de direita surgiu na Alemanha Oriental.
Acho muito mais difícil entender por que os ataques premeditados de incêndio (contra estrangeiros) se espalharam tão contagiosamente pela Alemanha Ocidental. Afinal, as condições lá não se alteraram. O que deve ter acontecido foi que a abertura das comportas da opinião pública modificou o ambiente predominante a ponto de estereótipos e opiniões que até então se escondiam sob a superfície e afetavam, digamos, 15% do público, adquirirem, subitamente, umstatus completamente diferente.

Tornou-se possível expressar opiniões que eram tabus. A Alemanha Ocidental também foi afetada, criando-se um ambiente em que xenofobia e anti-semitismo passaram a ser aceitáveis, e, o que é pior, os jovens pensam que estão expressando as idéias de uma maioria silenciosa. Tenho certeza de que essa não é a opinião da maioria, mas o ambiente mudou assim mesmo.

Além disso, o problema na Alemanha Ocidental parece-me maior que na Alemanha Oriental de antes, em que o povo, como você sabe melhor que eu, está envolvido em um enorme processo de mudança. Menos estrangeiros viviam lá e todos os estereótipos negativos surgidos recentemente foram proibidos pelo regime.

Michnik: Você não tem a sensação de que estamos testemunhando uma crise de sociedades multiculturais em todas as democracias européias ocidentais, e que o que está acontecendo na Alemanha não é, de maneira alguma, único? Vemos o mesmo processo na França e também de forma diluída na Polônia. Por outro lado, o que você está dizendo sobre o repentino crescimento do sentimento nacionalista na Alemanha Oriental é muito interessante. Quando estive lá anteriormente, ouvi a seguinte anedota./ Um "ori" encontra um "oci" e diz: "Olá, somos um povo". E o "oci" responde friamente: "Nós também".

Isso sugere que a xenofobia não é uma forma de consciência nacional, tal como afirmei sobre a Polônia. Notei isso na Polônia. Com a possível exceção da Alemanha Oriental, a Polônia é o único país pós-comunista onde a presença de minorias étnicas não causou nenhum problema. E em pouco tempo percebemos que, mesmo sem tais problemas, pode haver um conflito polonês-lituano, polonês-bielo-russo e polonês-ucraniano, para não dizer nada de uma batalha polonesa-alemã em (7)Oppeln', uma perseguição aos ciganos em Miawa, e uma campanha anti-semítica em um país praticamente sem judeus. Em outras palavras, não se trata de conflitos étnicos genuínos, mas de alguma coisa bem diferente.

Habermas: Creio que essa análise só se aplica aos países da Europa Central que mergulharam em profunda crise social com o declínio do socialismo estatal. Neste sentido, a xenofobia não é certamente um monopólio alemão. Pesquisas de opinião mostram que a xenofobia não está mais difundida na Alemanha que na França ou na Inglaterra. Eu me pergunto se nos países ocidentais ela possui raízes étnicas genuínas. No caso da Alemanha Ocidental, há crescente confronto com filhos e netos de imigrantes. As pessoas pensavam em vir trabalhar na Alemanha por algum tempo e, depois, partir. No entanto, elas ficaram e agora têm filhos nascidos na Alemanha.

Um outro problema surgiu com a percepção de uma nova onda de imigração difundida pela mídia. Aqui há uma diferença fundamental entre Alemanha e Polônia. Nesta, os imigrantes representam cerca de l ,5% da população, enquanto naquela são 7 ou 8%, e devemos nos preparar para um aumento até os 10%.

A posição é semelhante nos antigos países coloniais. França e Inglaterra. É desnecessário dizer que o etnocentrismo está sendo manipulado de cima porque sentimentos xenofóbicos podem ser usados como uma válvula de segurança para a insatisfação crescente. Apesar de tudo, creio que pela primeira vez precisamos de fato começar a considerar seriamente o fenômeno de uma sociedade multicultural. Na Europa, a composição da população está mudando, em um ambiente econômico difícil, com muito desemprego, e existe a impressão veiculada pela mídia de que o etnocentrismo e a idéia de nação se tomaram, mais uma vez, assuntos de importância central.

Michnik: Estive observando a Iugoslávia bem de perto; tenho muitos amigos lá. Minha impressão é de que os Bálcãs estão desafiando a Europa de uma forma fundamental. Eles dizem: "Chega de Auschwitz"; as democracias européias pertencem ao passado; agora precisamos lutar ansiosamente pela utopia do Estado epicamente puro. Essa é a mensagem mais assustadora que já ouvi na minha vida inteira. É ainda mais perigosa que o comunismo. E gostaria de colocar uma questão para o professor Habermas, que é um grande defensor da idéia do Iluminismo: por que a idéia do Estado étnico puro é tão poderosa, por que ela está em ascendência?

Krzemínski: E se ela estiver prestes a entrar em colapso? E se estivermos testemunhando os últimos, sangrentos paroxismos, ao invés dos sinais de um verdadeiro retorno à nação- Estado?

Habermas: Em minha opinião ela não está em ascendência. Quando estive em Zagreb algumas semanas atrás, tive notícias de amigos em todos os países da ex-lugoslávia. Eles diziam que o melhor que poderia acontecer seria os americanos marcharem para dentro e ali permanecerem por quarenta anos. Teríamos então uma democracia tão estável quanto a República Federal da Alemanha.

Krzeminski: Essa idéia não funcionou na Somália.

Habermas: E verdade. Mas apenas gostaria de dizer que, se a democracia foi bem-sucedida na Alemanha na terceira tentativa, tal fato deveu-se somente à longa ligação daquele país com o Ocidente e à sua falta de soberania. Só mencionei esse cri de coeur de meus amigos croatas para mostrar que eles não enlouqueceram e que há um ponto de vista mais otimista.

Michnik: Mas onde eles disseram isso? Na televisão?

Habermas: Ah não, em particular. Sem dúvida, não poderiam tê-lo dito em público.

Michnik: Sei o que estou perguntando, pois também estive em Zagreb. Pode-se ver o mesmo paradoxo que temos na Polônia, onde sou editor do maior jornal e sou, ao mesmo tempo, tratado como traidor por muitos de meus oponentes.

Krzeminski: Você não está superestimando um pouco o nacionalismo polonês? Ele existe, mas é consideravelmente mais fraco do que se poderia temer, o que ficou provado nas últimas eleições (polonesas).

Michnik: Entre as lições que aprendi com o Professor Habermas está a importância de ser cauteloso e vigilante. A idéia do Estado étnico aponta para um buraco ainda mais fundo. É por isso que li sobre o Debate dos Historiadores dos anos 80 como se fosse um debate polonês.

Habermas: Fomos nós, os alemães, que construímos os campos de concentração na Polônia. Ao voar para Varsóvia ontem, lembrei-me do quão cuidadosos éramos em esconder tudo isso de nosso próprio povo. Fizemos tudo isso na Polônia. Tudo estava lá, de forma que ninguém pudesse saber.

Michnik: Tudo bem, mas uma coisa é um alemão dizer isso e outra um polonês. Agora vou falar algo que não estou certo se terei coragem de deixar publicar. Antes de Hitier invadir a Polônia, nós construímos nosso próprio campo de concentração, em Bereza Kartuska, e é patética a desculpa de que poucas pessoas foram mortas lá ou de que os campos nazistas eram muito piores.(8)
Por outro lado, nós, os poloneses, podemos dizer que Hitler não era realmente muito pior que Stalin, porque fomos vítimas de ambos. Mas tal afirmação tem significado bem diferente quando é feita por um historiador alemão como Emst Noite, reduzindo a escala de "realizações" alemãs nessa área. Mas se dissermos que os poloneses são basicamente inocentes, isso significa que estamos nos dando carie blanche para nossa culpa. Qual é o significado de culpa, de culpa coletiva de uma nação?

Habermas: Não existe culpa coletiva. Todo culpado deve responder por isso como indivíduo. Ao mesmo tempo, há uma responsabilidade coletiva por situações intelectuais e culturais em que crimes em massa se tomaram possíveis. Somos igualmente herdeiros do passado. É por isso que precisamos entender que todas as tradições são ambivalentes, razão pela qual é necessário sermos críticos em relação a todas elas, para que possamos decidir qual tradição deve ser mantida ou não. Num país como a Alemanha - embora ela não esteja sozinha nisso -, que testemunhou tais extremos, a responsabilidade pelo passado deveria consistir numa desconfiança na tradição e nas instituições culturais tanto quanto nas elites e nos mais velhos. Ao mesmo tempo, a política, ou no mínimo o discurso político, deveria ser ampliada de forma a incluir coisas que permanecem adormecidas em outros países. Precisamos questionar constantemente as tradições de nossa cultura política e nossas atitudes, ao passo que as sociedades com tradição democrática mais poderosa não precisam fazê-lo, já que tais assuntos podem ser dados como certos.

Michnik: Estive na Sérvia. Os sérvios que apoiam Milosevic estão convencidos de sua própria inocência, historicamente falando. Refiro-me aqui a uma consciência histórica específica. Os sérvios acreditam-se vítimas de uma grande injustiça: foram traídos por todo o mundo. Tendo isso em mente, vejo-me impossibilitado de compartilhar seu senso triunfalista de uma culpa única, embora eu possa respeitar sua crença na singularidade da experiência alemã.

Habermas: Um triunfalismo negativo.

Michnik: Digo isso porque o sentido triunfalista da inocência está muito difundido na Polônia. Nenhum de nós jamais fez nada de mal. E qualquer um que afirmar que nenhuma pacificação jamais ocorreu em lugarejos ucranianos, ou que se separavam bancos para os judeus nas salas de aula de nossas universidades, é simplesmente um inimigo da Polônia, a serviço da Máfia internacional. Penso, no entanto, que existam tais memória e responsabilidade coletivas. Se tenho o direito de me orgulhar das realizações polonesas, dos escritos de Michiewicz(9) ou Kolakowski, devo também envergonhar-me da ação dos fascistas poloneses. E não tenho o direito de me consolar, argumentando que os fascistas alemães foram mais eficientes.

Habermas: Isso me lembra um certo tipo de divisão de trabalho. Adam Michnik diz que muitas coisas adquirem significado a partir de seu contexto. O Debate dos Historiadores foi uma disputa para os alemães, não para os poloneses. Seria uma forma negativa de nacionalismo se afirmássemos que as posições atingidas no decorrer do Debate deveriam constituir parte da cultura política de cada país. Parece-me que Adam Michnik tirou conclusões acertadas desse debate para os poloneses. Mas não compete a mim chamar atenção para isso. Precisamos apenas distinguir entre o que dizemos em casa e o que consideramos válido em qualquer contexto.
Retomando a questão, não é que eu não sinta a mesma apreensão de Adam Michnik quando vejo a situação na lugoslávia, Alemanha, Geórgia, Polônia ou em qualquer outro lugar. Ao mesmo tempo, pergunto-me por que ele afirma que a "purificação étnica" é uma mensagem para a Europa como um todo.

Por que ele não chama a isso de uma regressão monstruosa, terrível, que causou muitas vítimas humanas? A Europa Ocidental somente superou essa tendência recentemente, em 1945, há apenas quarenta e oito anos. Até então ela havia sucumbido exatamente às mesmas idiotias nacionalistas, que cativaram as massas. E, apesar disso, ainda eram algo que poderia ser superado. É verdade que a situação econômica era particularmente favorável, mas, mesmo assim, por que os países da Europa Oriental e Central não deveriam ter a oportunidade de escapar dessa situação extremamente estressante?.

É óbvio que você tem noção da extensão do sofrimento do povo polonês diante dos efeitos sociais e econômicos do desenraizamento de todo um sistema. E sabemos que, em tais momentos, o povo procura tranquilizar-se com fatos concretos: a cor do cabelo de alguém, características raciais, nacionais ou outras também externas. A que mais eles deviam agarrar-se, quando tudo vai mal, quando o dia-a-dia desperta tantas ansiedades? Eu preferiria pensar em tudo isso com as categorias da psicologia social. O que estou dizendo é insignificante e nenhum de nós sabe o que o futuro reserva, mas minha pergunta para você é esta: por que os poloneses, húngaros, tchecos e eslovacos deveriam ser incapazes de realizar o que a República Federal conseguiu fazer nas últimas quatro décadas? Afinal, seus países já possuíam certas características democráticas e vocês já têm certos sucessos a seu favor.

Minha intenção aqui não é elogiar a República Federal; as coisas podem dar errado aqui também. Ao sentir o desenvolvimento da República Federal após a guerra, eu também estava cheio de ansiedade. No entanto, a todos os meus críticos tenho que dizer que nossas instituições políticas tiveram sucesso crescente e contínuo e que a democracia alemã se desenvolveu de uma forma positiva. É claro que isso não significa que eu não esteja apreensivo, porque o perigo está aumentando e parecemos estar no início de um novo ciclo, muito mais do que nos anos 50. Entretanto, estaremos agora em posição de repetir a fase de construção da democracia em um nível mais maduro, de forma a incluir os países da Europa Central. Afinal de contas, o que aconteceu em 1989 não foi simplesmente desperdiçado.

Krzeminski: Isso é muito interessante. Você continua a defender o progresso e a comportar-se como um "otimista convicto", enquanto Adam Michnik, cuja vida estava em perigo por apoiar o "progresso da liberdade", age como um completo pessimista. O que sobra do socialismo?

Habermas: Democracia radical.

Michnik: Concordo inteiramente.

Habermas: Eu acrescentaria que uma coisa que ainda podemos aprender da tradição marxista hoje é a crítica ao capitalismo. De fato, isso pode ser ainda mais importante, porque o capitalismo adquiriu muito mais autoconfiança, graças ao colapso do socialismo estatal. Dificilmente alguém se arriscaria a criticar o capitalismo hoje. Ao mesmo tempo, temos dezessete milhões de desempregados só na União Européia, e ninguém - inclusive eu - tem idéia de como vamos escapar dos ciclos de crescimento do desemprego. Em outras palavras, precisamos de novas idéias para criticar esse sistema. Mas o critério definidor deve ser a criação de uma democracia radical, o que sem dúvida inclui o uso de medidas de Estado de bem-estar social para domar o capitalismo a um ponto em que ele se tome irreconhecível como tal.

Michnik: Eu diria que somos o que éramos há trinta anos, excetuando-se que perdemos nossas ilusões e ganhamos em humildade. D 'accord?

Habermas: Completamente.

Krzeminski: Deveríamos temer os alemães?

Habermas: Bem, não vou negar que me fiz a mesma pergunta.

Michnik: Não estou perguntando isso por estar com idéia fixa sobre os alemães. Não tenho complexo anti-Alemanha. Respeito muito a cultura alemã e sinto-me em casa naquele país.

Habermas: De minha parte, em 1982, quando Kohl assumiu o poder, tive receios semelhantes aos de Adam Michnik agora, isto é, receios de que os alemães recaíssem em velhos padrões de atitudes autoritárias. Mil novecentos e setenta e sete foi um ano péssimo. Sem dúvida, o sequestro e subsequente assassinato de (10)Hans-Martin Schieyer , por terroristas de esquerda, foi horrível. Mas a reação a isso foi assustadora, as perseguições estavam no ar na Alemanha. Entretanto, quando Kohl assumiu o poder e percebi que ele não poderia colocar em prática as políticas que desejava, concluí que a nova geração emergente estava modificando o clima político. Então, nos anos seguintes, até 1989, comecei a sentir, pela primeira vez, que uma recaída na República Federal não era mais possível.
Desde 1989, não estou mais tão certo disso. Apesar de tudo, temos que considerar os dois lados da situação. Em primeiro lugar, vemos o ressurgimento de estereótipos anti-semitas, racistas e xenofóbicos. Lembro-me da época em que Reagan e Kohl visitaram o cemitério em Bitburg. Eu estava viajando no carro-restaurante de um trem, junto a um grupo de jovens em tomo dos quarenta anos, que pareciam administradores. Suas opiniões anti-semitas eram tão extremas que me vi pensando onde eles as descobriram e como tudo isso podia estar voltando à tona. Esses jovens não eram tão assustadores quanto o clima intelectual que os encorajava a emitir tais opiniões. Em segundo lugar, creio que a maioria dos alemães abaixo de cinqüenta anos de idade é instintivamente liberal. Eles não tiveram que ser inoculados com idéias liberais; elas vêm a eles naturalmente.

Michnik: Estou contando com isso na Polônia. Quando falo com pessoas da SLD, os pós-comunistas, logo percebo que eles há muito deixaram de ser comunistas. Eles saboreiam a atmosfera de liberdade e do dinheiro europeu. É verdade que muitos deles não gostam do que acontece na Polônia desde 1989.

Eles falam de quatro anos desperdiçados. Mas imaginar a volta da censura na Polônia, ou que as fronteiras possam ser fechadas novamente - isso está fora de questão.

Habermas: Esse é realmente um sinal promissor.
Voltemo-nos agora para Hoyeswerda e para o futuro da Alemanha. O processo da integração européia precisa continuar, senão será difícil garantir qualquer coisa. Essa é uma questão crucial também para a Polônia, pois o que vou dizer contraria os interesses poloneses a curto prazo. Se você observa as elites alemãs, vê que é possível discernir um desejo poderoso de transformar a Alemanha numa grande força no centro da Europa, com o olhar fixo no Oriente. O único antídoto contra essa tendência é a unidade política européia.

Recentemente, o Sr. Stoiber disse numa entrevista: Vamos parar a unificação da Europa, não deve haver uma única moeda; se deve haver uma Europa unida, esta deveria ser apenas uma federação de nações soberanas; a República Federal deveria seguir seu próprio caminho e ter sua própria política externa, particularmente com relação à Europa Oriental. Essa tendência está ganhando força e pode ser resumida como a visão de que a Alemanha precisa voltar a ser a grande força da Europa Central. Além disso, essa tendência tem uma chance de sucesso. Seus defensores podem usar toda a sorte de fatos concretos para camuflar seus objetivos reais. Sua principal afirmação, por exemplo, é a de que uma moeda única somente será possível quando a Europa tiver uma única política econômica e social.

Podem ainda dizer que os alemães deveriam estar ajudando os poloneses, tchecos e húngaros. Mas isso é apenas retórica vazia; suas metas verdadeiras são bem diferentes.

Krzeminski: Você está-nos prevenindo contra a assistência econômica, o que, de qualquer forma, é, além do mais, insuficiente?

Habermas: Não, apenas quero dizer que o fato de a Alemanha tomar-se um Estado separado não está entre os interesses maiores da Polônia. E que a única forma de impedi-lo é implementar o Tratado de Maastricht e acelerar a união política.

Krzeminski: Mas Maastricht nos exclui. Nem mesmo a Alemanha ratificou a associação da Polônia com a União Européia, e quanto a ser membro da OTAN, todos podemos ver o que significa. A imprensa alemã também está-se mostrando cada vez menos entusiasmada com a integração de nossos dois países. Devo confessar que toda semana, quando abro meu Spiegel, receio encontrar expresso o sentimento de uma simpatia estratégica pela Rússia, enquanto os poloneses são ridicularizados por sua incompetência. E isso num momento em que nós, e não os Russos, atingimos uma relativa estabilidade. Michnik: (11)Augstein" fala em nome das opiniões nacionalistas de uma ala específica da esquerda burguesa tradicional,

Habermas: Excetuando-se que Augstein nunca pertenceu à esquerda.

Michnik: Com relação à Alemanha de Adenauer, ele realmente era de esquerda.

Habermas: Talvez, mas você tem que lembrar que os oponentes de Adenauer frequentemente tinham fortes motivos nacionalistas. Isso se aplica também ao SPD, a Schumacher, por falar nisso. O período Adenauer tomou menos claras as tradicionais divisões políticas. Por exemplo, devido ao seu anticomunismo, os conservadores de direita repentinamente tornaram-se pró-Ocidente, enquanto uma parte da esquerda se virava contra ele. Tais divisões mais antigas estão sendo restabelecidas hoje.

Krzeminski: Professor Habermas, o senhor disse que Maastricht é necessário para conter a Alemanha, mas também que o tratado conflita com os interesses poloneses. Como podemos resolver tal contradição? Para nós, essa é uma questão de vida ou morte - se devemos ser bem-vindos na Europa ou se devemos conscientemente consigna-nos à esfera de influência russa, porque o Ocidente deseja restaurá-la como uma grande potência.

Habermas: Maastricht só está em conflito com os interesses poloneses a curto prazo.

Krzeminski: Mas se o Ocidente nos voltar as costas, vamos sentir falta dos instrumentos para levar a cabo nossa própria "virada Adenaueriana" para o Ocidente. Como essa contradição básica na política alemã pode ser resolvida, de forma a não ser pró-Ocidente e pró-Rússia às nossas custas?

Habermas: Isso não pode ser resolvido da noite para o dia. Do ponto de vista da Polônia, uma Alemanha que não esteja integrada no Ocidente poderia ser útil economicamente, mas politicamente seria uma catástrofe.

Michnik: Concordo plenamente.

Habermas: Deixe-me colocar uma questão. Como se está dando o "acerto de contas" da Polônia com o passado? De certa forma ninguém ouve falar do mesmo tipo de sentimentos verificados na Alemanha.

Michnik: Na Polônia, cada um resolve o problema de seu jeito. Em 1989, logo após vencermos as eleições, comecei a conversar normalmente com todos aqueles que me haviam prendido. Vejo isso como parte da dialética do Duminismo.

Habermas: Acho que seria mais um sinal de uma natureza generosa.

Michnik: Não, é mais que isso. Creio que o maior infortúnio para meu país e nação é a imposição de uma única identidade para toda a Polônia: primeiro uma identidade comunista, depois anticomunista, agora católica, a seguir anticatólica. Na verdade, existe uma identidade comum polonesa, que é pluralista e heterogênea; essa é a força que temos em nossos genes. Ou a Polônia será assim ou não existirá, porque brigaríamos constantemente entre nós mesmos. É minha opinião, mesmo que eu seja uma exceção a esse respeito, que as últimas eleições terão uma consequência positiva, embora eu esteja muito insatisfeito com seu resultado; a arrogância anticomunista do Solidariedade terá sofrido uma derrota.
Houve um tempo em que eu, que fui prisioneiro dos comunistas por seis anos, e membro da oposição por vinte e cinco, fui forçado a ler nos jornais, diariamente, que eu era um criptocomunista. E isso apenas porque achei que seria errado enforcar Jaruzeiski, o ex-presidente, ou adotar uma legislação anticomunista. Muitos militantes do Solidariedade caíram na tentação de mudar do comunismo bolchevique para um anticomunismo bolchevique. Era uma espécie de chantagem intelectual.

Habermas: E como vamos avaliar a influência da Igreja Católica? A Polônia vai tomar-se um Estado secular?

Michnik: Na Polônia, testemunhamos um fenômeno que ninguém havia previsto. Em dois anos, a autoridade política da Igreja entrou em colapso absoluto.

Habermas: Por causa das leis de aborto?

Michnik: Não só por isso, mas basicamente porque a Igreja não conseguiu entender o que aconteceu na Polônia. Em 1989, os poloneses votaram pela liberdade. E a Igreja imaginou que eles haviam votado nela. Consequentemente, tentaram substituir o marxismo-leninismo pela ideologia católica. Os poloneses rejeitaram isso, o que foi seguido por algo imprevisto. Os comunistas tentaram por quarenta anos minar a autoridade da Igreja e falharam. Mas nossos agressivos políticos católicos e bispos politiqueiros foram bem-sucedidos em apenas dois anos de liberdade.

Habermas: Quais são as perspectivas do novo governo?
Vai sobreviver ou o pêndulo vai voltar a se inclinar para a direita na próxima eleição?

Michnik: Os comunistas assumiram os cargos econômicos mais importantes. Eles vão colocar em prática políticas mais parecidas com as de Balcerowicz do que ele próprio o faria. E eu defendo isso, não apenas na esperança de que o "pêndulo volte a se inclinar para a direita na próxima eleição, mas por ser a política certa. À parte disso, a eleição sinaliza o fim de uma fase de investigação do passado. Penso, há muito tempo, que na Polônia é importante julgar as pessoas não pelo que aconteceu no passado, mas pelo que podemos esperar no futuro. Heimut Schmidt serviu no Exército de Hitier, Willy Brandt esteve na Noruega e Herbert Wehner"(12) era comunista. Todos três se juntaram em nome do que deveria ser feito no futuro. Isso é algo que também temos que aprender. O futuro da Polônia depende de nossa habilidade de ir além do horizonte da "descomunização". Não é possível "descomunizar" um país em que os comunistas se sentaram à Távola Redonda e desistiram de seu poder. Se tivéssemos sido libertados pelos americanos seria outra história. Mas coube a Jaruzeiski e Kiszczack, ministro (comunista) do Interior, o legado do poder. Aí está o paradoxo: os mesmos que proclamaram a lei marcial em 1981 permitiram que os poloneses abandonassem o comunismo sem derramamento de sangue, barricadas ou utilização de força.

Habermas: O atual governo de coalizão possui a mesma visão do futuro?

Michnik: Penso que não. Este provará ser um governo de transição. Não é inconcebível que o SLD se divida, já que é um reflexo do Solidariedade em 1989. Naquela época, a única base do Solidariedade era seu anticomunismo; e a do SLD é seu pós-comunismo. Ele está unido apenas por suas origens e por temer o anticomunismo e a discriminação. Assim que o SLD entrar para o governo, tudo isso terá um fim. E todos eles são membros do SLD: dos nostálgicos bolchevistas e carreiristas profissionais aos democratas radicais.

Habermas: Ouvindo você falar - e sei que agora você fez amizade com o General Jaruzeiski -, não posso deixar de comparar sua atitude com a reação de muitos escritores que deixaram a Alemanha Oriental nos anos 70 e 80, ou que, como Wolf Biermann, foram banidos. Tais escritores são muito menos conciliatórios.

Michnik: Porque eles emigraram, e eu fiquei.

Habermas: Mas seis anos na cadeia não são brincadeira.

Michnik: Professor, o senhor se lembra do que Heinrich Boll escreveu em The Clown (O Palhaço) Ele disse que aqueles que voltaram do exterior não possuem qualquer entendimento do que realmente aconteceu na Alemanha. Siegfried Lenz disse o mesmo. Veja bem, em minha opinião, nada destrói um ser humano tanto quanto o ódio e a necessidade de vingança.

Oponho-me a meus amigos da Alemanha Oriental, pois, no final das contas, falta-lhes sentimento cristão. Enquanto estive preso, li três escritores alemães: Thomas Mann, Jürgen Habermas e Dietrich Bonhoeffer. Eu soube o que significa ter sempre o fascismo no fundo de sua mente. Então, inventei a fórmula de que alguém tem que estar a favor da anistia e contra a amnésia.

Habermas: Essa é uma fórmula maravilhosa.

Michnik: Você não pode viver de outro jeito. Você tem que se lembrar, mas tem que ser capaz de transcender a barreira de seu próprio sofrimento, precisa insistir em não permanecer no mundo de seu próprio sofrimento. Isso é impossível. Tive grandes problemas com meu jornal, que é produzido por toda a oposição anticomunista. Eu disse para pararmos com a vingança. Não haverá vingança na Gazeta.

Habermas: Isso me lembra a Espanha.

Michnik: A Espanha é um modelo positivo para a Polônia. Os espanhóis dizem: "Em nosso país não houve 'dictadura', apenas uma 'dictablanda', uma semiditadura".

Krzeminski: Talvez possamos voltar mais uma vez ao "dilema polonês" e à questão alemã: Oriente ou Ocidente?

Michnik: Uma vez li um artigo polonês sobre Jürgen Habermas, que primeiro apareceu num periódico clandestino e conseguiu burlar a atenção da polícia. Hoje, o artigo pode aparecer legalmente, mas teve dificuldade para ser publicado numa economia de mercado. O autor afirmava que Habermas possuía uma visão distanciada e um pouco depreciativa da Polônia e da Solidariedade. Qual era a situação verdadeira?

Habermas: Eu considerava o Solidariedade como um movimento no mesmo nível da oposição na lugoslávia antes de 1968 ou da Primavera de Praga. Tive uma certa dificuldade emocional com o padre que sempre esteve por trás de Walesa.
Mas se você quer saber sobre minha atitude em relação à Polônia, eu colocaria desta forma. Até 1979, minha idéia da Polônia era realmente formada por história literária. Eu sabia que as relações entre Varsóvia e Paris eram muito próximas e que os intelectuais poloneses eram os mais pró-Ocidente entre todas as democracias populares, com a possível exceção da Hungria. Ao visitar a Polônia em 1979, obviamente tive contato apenas com um pequeno segmento da realidade intelectual. Apesar disso, tive a impressão de que esses poloneses produziram uma intelectualidade fortemente positivista e secular, do tipo que somente pode existir num país católico. Fiquei muito satisfeito com isso. Aprendi que o positivismo é um dos elementos mais estáveis da tradição do Buminismo.

Krzeminski: O que poderia ser feito para assegurar que a atual indiferença do Ocidente não force, no futuro, a volta dos poloneses a seu papel de "revolucionários e emigrantes permanentes"?

Michnik: O único conselho que pode ser dado à Polônia e à Alemanha é que se aproximem uma da outra o máximo possível. Esse é um fator de estabilização na Europa. Essa é uma oportunidade tanto para a Alemanha quanto para a Polônia, já que aquele país teria um aliado democrata no Oriente. Falo isso abertamente aos meus amigos russos.

Habermas: Precisamos entrar no mesmo processo mútuo por que passamos com a França, que era nossa arquiinimiga e que, aos olhos dos mandarins alemães, foi nosso oponente constante desde a Revolução Francesa. Entretanto, a hostilidade contra a Polônia teve raízes profundas no nacionalismo alemão. Isso tem que ser superado. Acho que esse deixou de ser um grande problema para os cidadãos da velha República Federal, já que não possuíamos uma fronteira comum e que a Alemanha Oriental tinha uma certa função de inimigo comum. Psicológica e intelectualmente, a barreira entre nós e os poloneses era menor que entre a República Federal e a Alemanha Oriental. Mas é claro que isso não pode ser descrito como uma estratégia política. Aparentemente, nas próximas eleições, o SPD pretende que a luta contra o desemprego e a necessidade de uma nova política oriental sejam os pontos centrais de seu programa.Krzeminski: Sem dúvida eles vão optar mais uma vez pela Rússia.

Habermas: Só podemos esperar que eles não optem exclusivamente pela Rússia. Mas isso ainda não está claro neste momento.

(Esta entrevista, que primeiro apareceu na revista semanal polonesa Polityka, foi publicada em Die Zeit em 12 de dezembro de 1993 e traduzida do alemão para o inglês por Rodney Livingstone.)